

A FILOSOFIA WOLFFIANA APLICADA À MEDICINA E À FISIOLOGIA: CONTEXTUALIZANDO O TRATADO DE JOHANN FRIEDRICH SCHREIBER (1705-1760)

Saulo de Freitas Araujo

Resenha de:

Johann Friedrich Schreiber – Elementorum medicinae physico-mathematicorum, Tomus I. In R. Theis, W. Schneiders, J.-P. Paccioni, & S. Carboncini (Eds.), Christian Wolff's Gesammelte Werke, III. Abteilung, Band 162. Hildesheim: Georg Olms, 2021.

No início da década de 1960, os filósofos Jean École (1920-2015) e Hans Werner Arndt (1930-2004) deram início a um empreendimento que contribuiu decisivamente para o desenvolvimento da historiografia da filosofia alemã no século XVIII, especialmente no que se refere à vida e à obra de Christian Wolff (1679-1754). Trata-se da publicação, pela Editora Georg Olms, das obras reunidas de Wolff (*Gesammelte Werke*), que logo se tornou a edição de referência para os estudiosos da área.

O referido empreendimento está dividido em três seções: os escritos alemães (*Deutsche Schriften*), os escritos latinos (*Lateinische Schriften*) e um conjunto de materiais e documentos sobre a obra de Wolff (*Materialien und Dokumente*), que atestam o escopo e a influência de sua filosofia a partir do século XVIII e cuja expansão parece ainda longe de seu fim. No momento em que escrevo esta resenha, a seção conta com nada menos que 164 volumes.

É no interior dessa terceira seção que encontramos uma grande novidade, a saber, a reedição de obras escritas por contemporâneos de Wolff, que divulgaram e debateram sua filosofia; obras até então esquecidas, frequentemente ignoradas pelos historiadores da filosofia e da ciência, mas que tiveram penetração à época de seu lançamento. Tal é o caso, por exemplo, de *Elementorum Medicinae physico-mathematicorum* (Dos elementos físico-matemáticos da <https://doi.org/10.36311/2318-0501.2021.v9n2.p189>

medicina), de Johann Friedrich Schreiber (1705-1760), publicado originalmente em 1731 e relançado agora pela Olms (Schreiber, 1731/2021).

Mas quem foi Schreiber? Nascido em 25 de maio de 1705, na cidade de Königsberg, onde seu pai era professor de teologia, Schreiber iniciou aí seus estudos de medicina em 1721. Posteriormente, transferiu-se para a Universidade de Leiden, na Holanda, onde deu prosseguimento à sua formação médica e iniciou uma duradoura amizade com o jovem Albrecht Haller (1708-1777), que em breve tornar-se-ia famoso pelas suas contribuições à nova fisiologia experimental (Haller, 1757-1766). Em 1728, concluiu seu doutorado em medicina e, logo em seguida, começou a exercer a prática médica. No entanto, visando à carreira acadêmica, fez contato com Wolff, cuja filosofia ele pretendia aplicar à medicina e à fisiologia, e mudou-se para Leipzig, em cuja universidade começou a lecionar em 1729. Schreiber começou a ganhar fama por sua atividade docente e seus trabalhos científicos, o que certamente contribuiu para a publicação de *Elementorum Medicinae* em 1731. Entretanto, em vez de trilhar a carreira acadêmica, a qual já estava praticamente garantida, Schreiber resolveu deixar a Alemanha e mudar-se para a Rússia, ainda em 1731, a fim de ingressar na carreira militar como médico do exército russo. Mais tarde, entre 1742 e 1760, foi professor de anatomia e cirurgia na Escola Médica de São Petersburgo. Durante esse período, foi capaz de combinar, além da atividade docente, os ofícios de médico e escritor. Nos últimos anos de vida, manifestou o desejo de retornar à sua pátria, desejo esse que não pôde realizar, vindo a falecer em São Petersburgo em janeiro de 1760 (Stieda, 1891).

Essa breve apresentação da biografia de Schreiber, contudo, por si só não é suficiente para justificar sua relevância histórica. Em primeiro lugar, precisamos inseri-lo em um contexto mais amplo. Schreiber foi um dos representantes da chamada escola iatromatemática ou iatromecânica, cujo objetivo central era “transformar a medicina em uma parte da matemática aplicada e da física mecânica” (Binder, 1847, p. 423).¹ Nesse sentido, levou adiante as ideias de Archibald Pitcairne (1652-1713) e de Herman Boerhaave (1668-1738), os quais, influenciados pela matemática newtoniana, queriam entender os fenômenos vitais em termos quantitativos e mecânicos (e.g., Ducheyne, 2017; Friesen, 2003; Guerrini, 1987; Verwaal, 2020). Não por acaso, ambos foram professores na Universidade de Leiden, cuja tradição médica era reconhecida e respeitada, atraindo estudantes de vários países (Kidd & Modlin, 1999), como foi o caso do próprio Schreiber, que chegou a estudar com Boerhaave. Na tradição alemã, ao contrário, a medicina, embora inserida no sistema universitário como uma das faculdades superiores (ao lado do direito e da teologia), encontrava-se ainda em estado embrionário, tentando desvencilhar-se do animismo. Era preciso, pois, dar à medicina um tratamento científico, isto é, matemático-dedutivo.

Em segundo lugar, e ainda mais importante para a história da filosofia, está a ligação entre Schreiber e Wolff. Para Schreiber, a questão fundamental era aplicar a filosofia wolffiana, sobretudo seu método, à medicina e à fisiologia. Por isso, ainda que faça referência à *Óptica* de Newton em seu tratado médico-fisiológico (Schreiber, 1731/2021, §. 205, p. 240), é Wolff

¹ As traduções do alemão e do latim são de minha inteira responsabilidade.

quem está presente todo o tempo ao longo do texto. Trata-se, portanto, de um exemplo claro de como medicina, filosofia e matemática se relacionavam no século XVIII.

Vale lembrar que o livro de Schreiber conta com o prefácio do próprio Wolff, o que torna ainda mais visível a dimensão filosófica da obra. Logo no início, o *praeceptor Germaniae* deixa claro que “o método filosófico é absolutamente idêntico ao método matemático” (Wolff, 1731/2001, p. ix*). A grande questão, porém, é saber se “é possível colocar a Medicina em forma demonstrativa” (p. xii*). Aqui, Wolff compara a medicina à astronomia, afirmando que em ambos os casos lidamos com coisas prováveis. Isso, porém, não impede que a medicina adote o método matemático-dedutivo, pois “as coisas prováveis podem e devem ser apresentadas com o mesmo método por meio do qual devem ser apresentadas as coisas reconhecidas como certas e testadas” (pp. xii*-xiii*). Como a astronomia já vinha se desenvolvendo nessa direção, caberia então ao médico imitar o astrônomo.

Vale igualmente notar que Wolff classifica a medicina como parte da física (ciência dos corpos), de modo que o método deve ser o mesmo em ambos os casos (p. xiii*). Mas há também uma justificativa prática para a adoção do método demonstrativo pela medicina, a saber, que “os iniciantes, da maneira mais fácil e com grande economia de tempo, familiarizam-se com toda a Medicina – devendo aplicar futuramente na prática com a máxima destreza as coisas que aprenderam – e reúnem forças suficientes para cultivar posteriormente uma arte tão salutar ao gênero humano” (p. xiv*). Tudo isso, diz Wolff, está presente no tratado de Schreiber, que revela a íntima relação existente entre o saber médico e a filosofia. Por isso, ele não tem dúvidas de que, “a partir do sistema de *Schreiber*, reunirão um sólido conhecimento de toda a Medicina aqueles que, instruídos por princípios filosóficos e matemáticos, venham a lê-lo” (p. xvi*).

Passando ao tratado médico propriamente dito, ele encontra-se dividido em quatro grandes partes. Na primeira, Schreiber apresenta as noções mais gerais que servem de introdução à medicina (*Generalium, medicinae praemittendorum*). Depois, os elementos introdutórios à fisiologia (*Elementis physiologiae praemittenda*). Por fim, os dois livros fisiológicos propriamente ditos (*Generales solidorum fluidorumque corporis humani* e *De vasis corporis humani*): o primeiro trata dos sólidos e humores corporais; o segundo aborda as veias e artérias do corpo. Aqui, vou explorar apenas alguns pontos de contato entre filosofia e medicina.

O ponto de partida de Schreiber, que serve de fundamento geral para sua medicina, é metafísico. Trata-se não só da existência da alma no homem, mas também da distinção entre corpo e alma, ambas já estabelecidas por Wolff na *Metafísica Alemã* (Wolff, 1720, §§. 192, 217, 742) e na *Ontologia* (Wolff, 1730, §§. 28, 531-533, 673-680). Ou seja, a medicina começa com uma questão metafísica, que remete à estrutura da natureza humana (uma unidade entre corpo e alma). A demonstração aqui é simples: “Todo corpo é um ser composto. Mas a alma humana é um ser simples. Logo, *a alma humana não é um corpo*” (Schreiber, 1731/2021, §. 3, p. 1). Essa distinção essencial entre alma e corpo prepara a circunscrição da medicina como ciência do corpo humano, como veremos adiante. Deste modo, já no início, a alma é excluída do âmbito da medicina (e da física), para dar lugar a um tratamento puramente mecânico do funcionamento do corpo humano. Isso, por sua vez, está em perfeito acordo com o projeto

filosófico de Wolff, segundo o qual a alma humana é objeto de uma ciência específica, a saber, a psicologia, dividida em uma parte empírica e outra racional.²

O corpo humano, como um ente composto (*ens compositum*), funciona por meio das forças (*vires*) presentes em cada uma de suas partes, o que pode representar um estado de saúde (*sanitas*) – quando elas atuam conjuntamente em harmonia (§. 92, pp. 34-35) – ou doença (*morbus*), quando ocorre o oposto (§. 103, p. 39). É nesse ponto que aparece o entrecruzamento de matemática, filosofia e medicina. Para Schreiber, “o conhecimento matemático da saúde e da doença do corpo humano é possível” (§. 132, p. 45). Em outras palavras, é possível determinar quantitativamente as ações do corpo tanto na saúde quanto na doença.

Posteriormente, Schreiber estabelece uma distinção entre medicina natural e medicina artificial. No primeiro caso, trata-se de “uma disposição natural do corpo humano” para a saúde (§. 150, p. 51), ao passo que a segunda é “a ciência que direciona as forças do corpo humano para a saúde” (§. 162, p. 55), isto é, “na medicina deve-se demonstrar de que modo as forças do corpo humano devem ser direcionadas para a saúde” (§. 164, p. 57). O médico, então, é aquele que domina a medicina artificial, seja na sua dimensão teórica (*medicus theoreticus*) ou prática (*medicus practicus*). “O médico teórico é aquele que sabe filosofar mecanicamente sobre o corpo humano” (§. 184, p. 63), ou seja, aquele que tem em vista as causas eficientes da saúde e da doença, que são efeitos das forças do corpo. Por isso, afirma Schreiber, ele é também um “filósofo” (§. 185, p. 64). Já “o médico prático é aquele que adquiriu o hábito de transpor as regras da medicina para a prática” (§. 189, p. 65). Acontece que, ao dominar as regras da medicina, “todo médico prático é também um médico teórico” (§. 190, p. 65). No entanto, é mais do que isso, pois domina uma arte, a saber, a arte de curar ou restaurar a saúde. É, pois, um profissional especializado (*artifex*).

Vale ressaltar também que Schreiber já entende a medicina em sua dimensão profilática. Para ele, a medicina tem duas partes: “uma ensina a conservar a saúde presente no corpo humano; a outra, a restaurar a saúde perdida” (§. 244, p. 88).

Igualmente importante para Schreiber é mostrar que a medicina depende de outras ciências, constituindo um verdadeiro sistema interligado de conhecimentos. Segundo ele, “todo médico deve saber o que é possível por meio do corpo humano saudável e também o que, tendo origem externa, pode afetá-lo” (§. 291, p. 105). E já que a fisiologia é precisamente a ciência que trata disso (§. 292, p. 107), fica evidente que a medicina pressupõe o conhecimento fisiológico.³ Além disso, como Schreiber define a própria física como “a ciência do que é possível ocorrer por meio dos corpos”, depreende-se que “a fisiologia é parte da física” (§. 295, p. 108).

Mas o médico não depende apenas da fisiologia. Outras ciências, como a anatomia e a patologia, são igualmente necessárias ao estudo da medicina. Acontece que tanto a fisiologia

² Embora os tratados latinos de psicologia só tenham aparecido após a publicação dessa obra de Schreiber (Wolff, 1732, 1734), a investigação da alma em dois níveis distintos já estava prefigurada na *Metafísica Alemã* (Wolff, 1720). Além disso, a própria distinção entre *psychologia empirica* e *psychologia rationalis* já tinha sido estabelecida anteriormente por Wolff em sua *Ausführliche Nachricht* (Wolff, 1726, §. 79), que Schreiber certamente conhecia.

³ É curioso notar que a definição de fisiologia como a ciência do que é possível por meio do corpo humano complementa perfeitamente a definição wolffiana de psicologia como a ciência do que é possível por meio da alma humana (Wolff, 1728, §. 58, pp. 29-30).

quanto a patologia dependem da mecânica, da dinâmica e da ótica (§§. 362-364, pp. 144-145), sendo todas elas igualmente partes da física. Não por acaso, Schreiber afirma, ao final do primeiro livro, que “todo médico deve dominar a física” (§. 374, p. 148).

O conhecimento físico, porém, não basta. Schreiber defende que “o médico deve ter cultivado a filosofia” (§. 375, p. 149), especialmente a metafísica e a lógica. Como vimos no início, a medicina está ancorada em pressupostos metafísicos (p. ex., o homem como unidade entre corpo e alma, a distinção entre entes simples e compostos etc.) e adota o método lógico-matemático. Afinal, “os dois fundamentos da medicina são a razão e a experiência” (§. 377, p. 149). Por isso, a medicina deve se livrar das opiniões e hipóteses que não encontram fundamentação suficiente, isto é, às quais o método dedutivo não pode ser aplicado (§§. 380-382, p. 150).

São esses os fundamentos gerais da medicina de Schreiber, que preparam as partes propriamente fisiológicas do tratado, mais técnicas e mais afastadas da filosofia (humores, artérias etc.), exceto pela aplicação do método demonstrativo. Mas creio que essa breve exposição já tenha sido suficiente para chamar a atenção do leitor para um aspecto frequentemente ignorado na história da filosofia alemã do século XVIII, a saber, o entrecruzamento de filosofia, medicina e matemática.

Esta resenha estaria incompleta se deixasse de mencionar o excelente trabalho editorial, que conta com um índice de autores e obras citadas por Schreiber. Em especial, resalto a longa introdução da pesquisadora italiana Sonia Carboncini, profunda conhecedora da obra de Wolff, que prepara o leitor para adentrar o tratado de Schreiber (Carboncini, 2021). Ao que tudo indica, trata-se de uma contribuição original à literatura especializada.

É bem verdade que o tratado médico-fisiológico de Schreiber possui hoje apenas valor histórico. No entanto, a busca de uma fundamentação ao mesmo tempo racional e empírica para a teoria e a prática médicas não é algo que deva ser ignorado. Para uma época que se regozija com a noção de uma “medicina baseada em evidências”, como se isso representasse uma ruptura radical com o passado, o tratado de Schreiber pode ao menos servir como advertência. Advertência num duplo sentido. Primeiro, contra uma perspectiva a-histórica: a busca por evidências na medicina de forma alguma é uma realização exclusiva do século XXI. Mas também contra um certo tipo de empirismo ingênuo, muito comum na atualidade, segundo o qual as evidências pairam sobre um vácuo teórico-conceitual. Seguindo a filosofia de Wolff, o que o tratado de Schreiber ilustra acima de tudo é a indissociabilidade entre esfera teórica e esfera prática. E isso está muito longe de poder ser considerado algo ultrapassado.

REFERÊNCIAS

- Binder, W. (1847). Deutsche Heilkunde. In W. Binder (Ed.), *Allgemeine Realencyclopädie oder Conversationslexikon für das katholische Deutschland* (Vol. 3, pp. 421-426). Regensburg: Hans.
- Carboncini, S. (2021). Einleitung. In R. Theis, W. Schneiders, J.-P. Paccioni, & S. Carboncini (Eds.), *Christian Wolff. Gesammelte Werke* (Abt. III, Vol. 162, pp. 7*-57*). Hildesheim: Georg Olms.

- Ducheyne, S. (2017). Different shades of Newton: Herman Boerhaave on Newton mathematicus, philosophus, and optico-chemicus. *Annals of Science*, 74(2), 108-125.
- Friesen, J. (2003). Archibald Pitcairne, David Gregory and the Scottish origins of English Tory Newtonianism, 1688-1715. *History of Science*, 41, 163-191.
- Guerrini, A. (1987). Archibald Pitcairne and Newtonian medicine. *Medical History*, 31, 70-83.
- Haller, A. (1755-66). *Elementa physiologiae corporis humani* (8 vols.). Lausanne: Bousquet.
- Kidd, M. & Modlin, I. (1999). The Luminati of Leiden: From Bontius to Boerhaave. *World Journal of Surgery*, 23, 1307-1314.
- Schreiber, J. F. (2021). Elementorum medicinae physico-mathematicorum (Tomus I). In R. Theis, W. Schneiders, J.-P. Paccioni, & S. Carboncini (Eds.), *Christian Wolff. Gesammelte Werke* (Abt. III, Vol. 162). Hildesheim: Georg Olms. (Trabalho original publicado em 1731).
- Stieda, L. (1891). Schreiber, Johann Friedrich. In Königlische Akademie der Wissenschaften (Ed.), *Allgemeine Deutsche Biographie* (Vol. 32, pp. 473-476). Leipzig: Duncker & Humblot.
- Verwaal, R. (2020). *Bodily fluids, chemistry and medicine in the eighteenth-century Boerhaave school*. Cham, Switzerland: Palgrave MacMillan.
- Wolff, C. (1720). *Vernünfftige Gedancken von Gott, der Welt und der Seele des Menschen, auch allen Dingen überhaut, den Liebhabern der Wahrheit mitgetheilt*. Halle: Renger.
- Wolff, C. (1726). *Ausführliche Nachricht von seinen eigenen Schrifften, die er in deutscher Sprache von den verschiedenen Theilen der Welt-Weißheit heraus gegeben, auf Verlangen ans Licht gestellet*. Frankfurt a.M.: Andrea und Hort.
- Wolff, C. (1728). Discursus praeliminaris de philosophia in genere. In *Philosophia rationalis sive logica, methodo scientifica pertractata, ad usum scientiarum atque vitae aptata* (pp. 1-104). Frankfurt/Leipzig: Renger.
- Wolff, C. (1730). *Philosophia prima, sive ontologia, methodo scientifica pertractata, qua omnis cognitionis humanae principia continentur*. Frankfurt/Leipzig: Renger.
- Wolff, C. (1732). *Psychologia Empirica, methodo scientifica pertractata, qua ea, quae de anima humana indubia experientiae fide constant, continentur et ad solidam universae philosophiae practicae ac theologiae naturalis tractationem via sternitur*. Frankfurt/Leipzig: Renger.
- Wolff, C. (1734). *Psychologia rationalis, methodo scientifica pertractata, qua ea, quae de anima humana indubia experientiae fide innotescunt, per essentiam et naturam animae explicantur, et ad intimiorem naturae ejusque autoris cognitionem profutura proponuntur*. Frankfurt/Leipzig: Renger.
- Wolff, C. (2001). Praefatio. In R. Theis, W. Schneiders, J.-P. Paccioni, & S. Carboncini (Eds.), *Christian Wolff. Gesammelte Werke* (Abt. III, Vol. 162, pp. IX*-XVI*). Hildesheim: Georg Olms. (Trabalho original publicado em 1731).

Recebido / Received: 30 de dezembro de 2021 / December 30, 2021

Aceito / Accepted: 02 de janeiro de 2022 / January, 2, 2022